

TÍTULO: A FEIRA DE CIÊNCIAS COMO POSSIBILIDADE DE UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO EMANCIPATÓRIA E LIBERTADORA

Autor: Tairo Pacheco Pacheco

Círculo de Saber: Organização do Trabalho Pedagógico na Educação do Campo, das águas e das florestas.

Resumo:
O presente trabalho apresenta a Feira de Ciências como possibilidade de uma Educação Emancipatória e Libertadora, tendo como objetivo analisar como os professores de ciências das escolas do campo de Santana do Livramento-RS desenvolvem suas práticas pedagógicas que resultaram em trabalhos que se destacaram nas Feiras de Ciências. Para tanto, foi realizado um resgate histórico das Feiras em Santana e a partir disso entrevista com professoras das escolas e da secretaria de educação do município. A análise possibilitou perceber que as Feiras de Ciências se constituem em espaços formativos emancipatórios e libertários quando não compreendidos como momento de competição, mas de trocas e compartilhamento de conhecimentos a partir da abordagem de projetos e problemáticas da comunidade das Escolas do Campo.

Palavras-chave: Feira das Ciências, Educação do Campo, Emancipação.

Introdução

A educação é um ato de liberdade, liberdade de expressão, liberdade da construção da própria história, e esta mesma liberdade se torna um ato de emancipação (ARROYO, 2010).

Mas o que é preciso para que essa educação aconteça? Quem são os personagens atuantes nesta educação? E será que os mesmos são importantes para que haja uma educação libertadora? Que educação é esta que pode levar a um ensino de ciências emancipatório? Quem são estes sujeitos que estudam Ciências? Como proporcionar um ensino de ciências que possibilite que os sujeitos sejam autores, protagonistas do seu conhecimento? Os alunos e suas famílias são alguns dos personagens importantes para que a educação aconteça, pois trazem consigo suas histórias de vida, suas vivências e suas experiências, as quais contribuem para uma educação de qualidade. A cozinheira, a funcionária da limpeza, também fazem parte dessa educação, pois todo o ser humano que está dentro do espaço escolar é um educador que aprende e ensina ao mesmo tempo. A diretora, a secretária, também são sujeitos atuantes em uma educação de qualidade. No entanto, sabemos que um



dos personagens não é mais importante que os demais, mas essencial na produção/socialização do conhecimento que é o Professor/a. O que seria da escola sem o professor? O aluno seria aluno sem o professor? O professor é um dos atores que faz essa educação acontecer na teoria e na prática.

Porém, sabe-se que ser professor não é apenas ser portador de um título, mas alguém que seja o mediador do conhecimento e que, quando ensina aprende ao ensinar (FREIRE,1994). A educação só acontece quando se tem todos esses sujeitos atuando no espaço escolar, mas fora dele também. A formação acontece quando estes sujeitos estão dialogando com a educação como prática de liberdade. Ser professor vai muito além do que passar o conteúdo no quadro, vai além de estar aquelas horas em sala de aula, vai além de aprender e reproduzir exatamente o que aprendeu. E isto torna este sujeito um ser que busca a liberdade de se relacionar, de trazer sua vivência e experiência, sua amorosidade (FREIRE, 1994). Entendemos que, para que esta prática seja libertadora, o professor deve reconhecê-la e transformá-la em ação.

A educação é um processo de construção de conhecimento, a qual possibilita que um espaço não seja visto somente como espaço geográfico, mas sim onde se estabelecem várias relações, o qual podemos chamar de território/territorialidade; é o lugar onde existem grupos sociais que a cada dia reforçam e deixam mais firmes suas existências com suas próprias histórias. Para que seja possível que esta territorialidade aconteça de fato, (pois é através dela que o espaço campo se transforma em um lugar com pensamentos próprios do povo camponês) a educação deve ser vista e voltada para os interesses e o contexto dos protagonistas que resistem e existem neste campo, o qual é um campo de saberes, de existência e de relações.

A caminhada dos docentes em formação no curso de educação do campo possibilita uma vasta experiência com as ciências humanas, pois nos leva a refletir sobre o território/territorialidade, onde as escolas do campo e a comunidade estão inseridas, e que é possível trabalhar o contexto dos mesmos, assim fazendo para que a aprendizagem seja mais significativa.

Tardif (2002) e Arroyo (2010) nos levam a questionar sobre o principal papel do professor e suas práticas diárias no saber-fazer: Quais são os saberes que servem



de base ao ofício de professor ou mesmo ofício de mestre? Quais são os conhecimentos, o saber-fazer, as competências e as habilidades que os professores mobilizam diariamente, nas salas de aula e nas escolas, a fim de realizar concretamente, as suas diversas tarefas? Qual é a natureza desses saberes? O que são conhecimentos científicos, saberes “eruditos” e codificados como aqueles que encontramos nas disciplinas universitárias e nos currículos escolares? Podem ocorrer conhecimentos técnicos, de saberes da ação, de habilidades de natureza artesanal adquiridas através de uma longa experiência de trabalho? Todos esses saberes são de caráter estritamente cognitivo ou de caráter discursivo? Trata-se de conhecimentos racionais, baseados em argumentos, ou se apoiam em crenças implícitas, em valores e, em última análise, na subjetividade dos professores?

Partindo dessa reflexão, esta pesquisa abordou a formação dos professores do/no campo e suas experiências em feiras das ciências no município de Santana do Livramento, tendo por objetivo analisar como os professores de ciências das escolas do campo desenvolvem suas práticas pedagógicas resultando em trabalhos que se destacam nas feiras das ciências.

Todos os anos acontece a feira das ciências no município de Santana do Livramento-RS e todas as escolas urbanas e as escolas do campo participam, levando trabalhos realizados nas escolas, e que tratam o contexto ou uma problemática da comunidade em que a escola está localizada.

Uma das potencialidades que me levou a pesquisar sobre este tema é o entendimento sobre o porquê das escolas do campo, alunos e os professores do município de Santana do Livramento se destacarem nas feiras das ciências?

Nossa curiosidade pedagógica deu-se por saber que muitas das escolas do campo estavam em destaque e sendo valorizadas pelos seus saberes e suas vivências, levando-as a participarem da segunda etapa da feira das ciências que acontece no município de Pelotas-RS.

Como professor em formação inicial e estudante do curso de Educação do Campo-Licenciatura com ênfase em Ciências da Natureza da Universidade Federal do Pampa – Unipampa - Campus de Dom Pedrito, tive a oportunidade de conhecer, valorizar e defender a vida no campo, os direitos que cada morador merece e que as políticas públicas não são favores, mas sim, direitos.



Nesse sentido, o presente trabalho está organizado com base em referenciais da Educação, Educação do Campo, Ensino de Ciências e narrativas de professores que têm os sujeitos como protagonistas dos conhecimentos, em que a Feira de Ciências se torna um espaço que parece ser fundamental para uma formação emancipadora e libertária.

ORGANIZAÇÃO METODOLÓGICA

A pesquisa se organizou com base na metodologia qualitativa a partir de algumas etapas, as quais não são estanques e sim complementares entre si. Inicialmente (primeira etapa) foi feito um resgate da história das Feira das Ciências no município, através de pesquisa documental.

Foi realizada uma entrevista com as coordenadoras das Feiras das Ciências que trabalham na Secretaria de Educação do município, e que chamamos de SME. E como a entrevista foi realizada juntamente com as duas, usamos o codinome Professoras SME para identificá-las. E como as Professoras SME, trabalham na Secretaria de Educação formulamos questões diferentes para as
mesmas, sendo assim não havendo uma pergunta específica da formação das Professoras.

Realizamos visitas nas escolas do campo para conhecer, analisar e perceber como é a organização para as feiras das ciências, e assim fomos conversando com os professores procurando entender seu dia a dia na escola e de que forma eles trabalhavam com o ensino de ciências que propiciavam que seus alunos construíssem aprendizagens que os levavam a participar da feira de ciências com desenvoltura, criatividade e conhecimento.

A importância das Feiras das Ciências nas Escolas do Campo

A feira das ciências do município de Santana do Livramento é esperada todo ano pelas escolas públicas, a qual acontece em duas etapas. A primeira é realizada nas escolas até o mês de julho, pois é o tempo que as mesmas têm para se organizarem e apresentarem para suas comunidades e também para a comissão avaliadora da



Secretaria Municipal de Educação (SME), que por sua vez irá avaliar e escolher os trabalhos que passarão para a segunda etapa. A segunda etapa acontece em um ginásio onde todas as escolas que tiveram seus trabalhos avaliados e selecionados se apresentam novamente, porém para um número maior de pessoas. Nesta mesma etapa vem uma comissão avaliadora intitulada de Feira de Ciências e Matemática da Metade Sul (FECIMES) da cidade de Pelotas para avaliar os trabalhos que se encaixam em um perfil científico, inovador e principalmente que explore uma problemática da comunidade ou do meio em que a escola se encontra.

A partir desta avaliação, os trabalhos que foram aprovados irão para Brasília e assim terão um destaque maior, valorizando o trabalho dos alunos juntamente com seu professor e levando o nome da escola a ser reconhecida e valorizada em lugares distantes.

A Feira das Ciências é realizada desde a educação infantil até os anos finais do ensino fundamental, sendo estes, trabalhos diversificados apresentados pelos alunos de várias idades. Durante os sete anos que já trabalho como professor em escolas do campo pude perceber e conhecer a feira das ciências como um evento que possibilita trabalhar uma problemática da comunidade ou um tema que os alunos queiram abordar.

Porém, é necessário deixar claro, que a visão e o caminho para uma feira das ciências pode ser o ensino por projetos. O ensino por projetos implica um olhar diferenciado do professor com relação aos seus alunos, sobre sua prática e seu trabalho e sobre o rendimento de seus alunos.

De acordo com Barcelos (2001, p 143), o ensino por projetos envolve planejar, desenvolver e avaliar as atividades, condições essas que podem ser estruturadas por três fases:1- Problematização e sensibilização; 2- Viabilização e implementação; 3- Consolidação e avaliação.

Assim, a feira de ciências pode ser um eixo de vários trabalhos, desde que o professor busque focar na sua sala de aula esta metodologia de ensino por projetos.

Porém, sabe-se que para que a mesma aconteça é preciso também que toda a comunidade escolar se mobilize para a realização com êxito. Também queremos ressaltar que a feira de ciências é como qualquer outra atividade de ensino e aprendizagem, a mesma requer criatividade, envolvimento e investigação dos



alunos, na busca de soluções para um problema que foi diagnosticado na comunidade onde a escola e os alunos estão inseridos. Ainda há diferentes compreensões sobre a feira das ciências nas escolas do município de Santana do Livramento, pois alguns professores e pode-se dizer que num geral, entendem a mesma como um projeto à parte. Outros a compreendem como parte do currículo e que dará continuidade durante o ano letivo e quem sabe durante os anos que a escola e a comunidade escolar conseguirem solucionar aquela problemática.

Nos anos iniciais, o projeto da feira das ciências faz parte do planejamento das aulas e que é possível trabalhar os conteúdos referentes a cada ano, juntamente e através do projeto da feira das ciências e não é diferente nos anos finais. A concepção e o entendimento que alguns professores ainda têm sobre a feira das ciências é que os conteúdos ficam de lado para abordar somente o projeto, sabemos que não é assim, pois é possível trabalhar a interdisciplinaridade através do tema da feira das ciências.

Sabe-se que a interdisciplinaridade é uma forma de integrar as disciplinas e seus conteúdos, assim tentando superar a fragmentação do conhecimento, consequentemente dificultando ainda mais o processo-aprendizagem dos educandos.

Para os educandos, a feira das ciências é uma forma de ampliar os horizontes, perceber que um projeto trabalhado na escola onde aqueles educandos estão inseridos irá para outros lugares e ser visto por outras pessoas em outras realidades, levando os alunos a entenderem e valorizarem seu território e seus conhecimentos construídos durante seus estudos.

Sendo assim, a feira das ciências é uma oportunidade onde as escolas do campo e principalmente os alunos do campo são vistos e valorizados pelos seus conhecimentos e sua realidade. O reconhecimento dos trabalhos das escolas do campo é importante para deixar os sentimentos de pertença de um lugar ainda mais nutrido e forte nos alunos e principalmente na comunidade que ali vive. Durante as apresentações destes projetos na feira das ciências, é possível perceber a riqueza e as inúmeras possibilidades que as professoras juntamente com seus alunos desenvolvem em suas escolas, pensando na comunidade escolar e no seu território como um espaço de possibilidades e diversidades.



A feira das ciências nas escolas do município de Santana do Livramento, envolve todas as ciências, havendo uma diversidade de trabalhos apresentados sobre vários assuntos e problemáticas que as comunidades escolares juntamente com seus alunos e professores buscam solucionar, achando um caminho ou mais caminhos durante o andamento e a execução desses projetos ricos em culturas e conhecimentos.

O desenvolver destes trabalhos nos permite conhecer o contexto das escolas do campo de uma forma que é possível perceber como os alunos e a educação do campo em geral tem um diferencial, pois os trabalhos realizados por eles falam muito da realidade que eles vivem e isso fortalece ainda mais a identidade dos alunos e de todos que tem o sentimento de pertença, a territorialidade.

Mesmo com as inúmeras dificuldades que encontramos no campo e que consequentemente dificultam a educação, os trabalhos que são apresentados nas feiras das ciências são gratificantes, ao passo que podemos presenciar a riqueza de conhecimento que a realidade possibilita para os mesmos.

O educar através da pesquisa leva o educador a pensar que é possível ensinar seus alunos durante o andamento do projeto, sempre embasado na realidade dos mesmos, identificando e valorizando a riqueza da biodiversidade do espaço campo.

Prática Pedagógica Emancipatória com vistas a Educação Libertadora e Emancipatória

A ideia de Educação do Campo em uma visão emancipatória, segundo alguns autores (CHARLOT, 2012; FREIRE, 2014; CALDART, 2002) está a caminho da busca de um reconhecimento do campo como um lugar de inúmeras possibilidades, seja de vida, de trabalho ou mesmo de relações sociais.

Primeiramente, deve-se entender: o que é emancipação quando estamos falando de educação? O que é uma escola emancipatória e o que se pretende numa escola emancipatória? E para que possamos ser a ponte que levará os nossos alunos a refletirem e questionarem e não apenas concordar com o que lhes é imposto.

No espaço campo, vivem pessoas que buscam o seu lugar como cidadãos de direitos e assim, refletem sobre o seu dia a dia, a partir das próprias condições de existência social em que estão inseridos.



Aqui, entendemos a emancipação como um pensamento de humanização dos indivíduos através da justiça, igualdade, do direito de expressão, da solidariedade e da dignidade que cada um deve ter como cidadão. E essa emancipação só irá acontecer de fato se as escolas proporcionarem uma educação com o viés de ir em busca dela, promovendo que alunos e comunidade possam ser partícipes de suas histórias. Ofertar uma educação de qualidade no campo é o principal meio de emancipar essas pessoas das injustiças do meio capitalista em que vivemos e, permitir que nossos alunos possam ter esperança de uma sociedade justa e igualitária.

A educação faz parte do processo de emancipação, pois faz com que o aluno estude não só para ter boas notas ou ser aprovado no final do ano letivo, mas para entender o mundo e a si mesmo. Nesse pensamento, o papel do educador do campo, numa escola que está no caminho da emancipação, é extremamente importante, pois se conseguirmos fazer com que nossos alunos sintam o encanto e o real sentido do aprender, podemos possibilitar que estes alunos transformem a sua comunidade e não simplesmente adapte-se a ela, pois segundo (FREIRE, 1987), não há educação sem transformação.

Somos seres inconclusos, e aquele que está aberto à transformação, que lê e busca o conhecimento é mais difícil de se deixar enganar, de acordo com (FREIRE, 1987, p.39): “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo. Os homens se educam entre si mediatizados pelo mundo”.

Se uma escola se diz emancipatória, mas se não houver a prática de liberdade e de reflexão em uma escola que se diga emancipatória, pois o educador não é mais o dono do saber, mas sim aquele que enquanto ensina também aprende (FREIRE, 2014). E assim juntos, educando-educador constroem esse processo de liberdade e consequentemente a escola como um espaço emancipatório.

Percebemos a emancipação das, e nas escolas do campo, e dos e nos sujeitos do campo, e quando falamos nos sujeitos do campo, falamos de professores, alunos, funcionários, as famílias, os pequenos e os grandes agricultores, os assentados, os quilombolas e todos os povos que ali ocupam, produzem e resistem. É um caminho



sendo trilhado com muita luta e resistência, pois a emancipação não está em um pódio a espera destes povos, destas gentes, e sim em suas lutas.

Ao falarmos de emancipação logo vem na memória a palavra libertação, então qual é a ligação entre essas duas palavras tão importantes e ao mesmo tempo difíceis de ver e presenciar nos espaços onde as escolas do campo estão inseridas? Será que realmente a emancipação torna o sujeito liberto? Fazendo uma breve observação ao nosso redor é claro ver que a realidade do nosso dia a dia vem tentando alienar os povos do campo de uma forma que os sujeitos se tornam prisioneiros do capitalismo.

No entanto, Charlot, nos diz que A emancipação consiste em se livrar e ajudar a criança a se livrar dos obstáculos à humanização, à socialização, à singularização (CHARLOT, 2012, p. s/n)

A escola é um dos espaços em que o processo de aprendizagem é um dos principais focos da intencionalidade da prática pedagógica dos professores. É por isso que o processo de aprender é muito importante para nossa formação humana, tecnológica e científica. Partindo deste pensamento, entendemos a feira das ciências como um dos caminhos para uma aprendizagem para a evolução dos alunos e a construção do conhecimento para a vida. Quando a escola e sua comunidade impulsionam os alunos a um conhecimento e uma aprendizagem significativa, isto é emancipar, porém é necessário ressaltar que isso só pode acontecer se a mesma for trabalhada de uma forma diferenciada, levando em conta o contexto do aluno, suas problemáticas e suas potencialidades.

Para Freire (1997, p. 23) “ao estudo crítico corresponde um ensino igualmente crítico que demanda uma forma crítica de compreender e de realizar a leitura da palavra e a leitura do mundo, leitura do texto e leitura do contexto”. Desta forma, estudar para Freire (1997) é desocultar, é ganhar a compreensão mais exata do objeto, possibilitando ao aluno, perceber a relação deste objeto com o mundo.

Quando Charlot (2012), refere-se a palavra emancipatória faz uma relação com a prática cotidiana e dependendo do assunto haverá consequências sobre as formas como se vive e se ensina na escola. O autor critica o fato de ligar a comunidade à escola e sustenta a desmotivação para estudar na seguinte citação: “Se a escola



fizer a mesma coisa que a comunidade, então não precisamos dela" (CHARLOT, 2012, p. 6). E ainda diz que

> [...] a escola é interessante porque propõe outra coisa. Precisamos oferecer um ensino que permita aos alunos abrirem janelas no espaço, no tempo, no imaginário. A escola deveria permitir ao aluno transformar a comunidade e não se adaptar a ela (CHARLOT, 2012, p. 6).

Essas reflexões, nos levam além, é pensar na educação, não como uma forma de mudar o mundo, mas de situar melhor o aluno neste mundo, sendo mais crítico às coisas que estão sendo construídas neste mundo (COSTA, 2003). No entanto, conforme Freire (1997) "a viabilização do país não está apenas na escola, formadora de cidadãos críticos e capazes, mas passa por ela, necessita dela, não se faz sem ela" (FREIRE, 1997, p. 59).

É importante compreendermos que as escolas do campo, ou a educação do campo de forma geral, tem um importante papel para a formação de gerações mais intelectuais, pois a intelectualidade não pode ser algo visto ou almejado por nós, sujeitos do campo como algo que está longe de termos, e sim, deve ser um objetivo a buscar e apropriar-se quando a alcançamos. Porém esse pensamento, não deve ficar somente como uma afirmação e sim, concretizar-se de forma visível para todos nós. Pois isso se dá quando passamos a ocupar não somente o espaço da teoria e sim quando a colocamos em prática.

Conclusão

Ao considerar as reflexões feitas até aqui, permito-me dizer que a educação é um ato de liberdade, amor e principalmente uma responsabilidade, que poderá levar a sociedade ao sucesso ou ao fracasso, porém quando falo de sucesso não penso em nenhum momento sobre o "ter" e sim no "ser", e quando refiro-me sobre o fracasso falo de uma sociedade injusta, capitalista e desigual onde os pequenos grupos são os que sofrem mais e que não tem nenhum direito.



Uma das formas que podemos mudar nossa sociedade injusta para uma sociedade justa e igualitária está nas mãos da escola, a qual precisa caminhar em prol de práticas que visam a emancipação junto a sua comunidade, fazendo o uso do conhecimento, levando os alunos a perceberem que os mesmos são escritores de suas próprias histórias.

Os professores juntamente com seus alunos, precisam lutar através do conhecimento pela educação do campo e está, com qualidade, pois é de direito dos povos do campo.

Estudando, pesquisando e indo em busca sobre o tema das feiras das ciências e a formação dos professores e principalmente a valorização da realidade e do contexto desses alunos me deixou ainda mais convicto na educação do campo que acredito e luto para continuar e melhorar ainda mais, pois é um direito uma educação de qualidade, e não um favor.

Acredito que devemos ultrapassar a concepção de que a educação é simplesmente o ensino de disciplinas e de incluir os educandos em uma sociedade cada vez mais desigual, para atuarem no mercado de trabalho. Como professor em formação, acredito que devemos nos apropriar de uma educação emancipatória e buscá-la constantemente.

Durante a construção deste trabalho, pude perceber como educador do campo em formação e que busco e almejo uma educação do campo de qualidade e que devemos refletir sobre a importância do ensino de ciências nas escolas do campo e a feira das ciências como uma oportunidade de valorizar as atividades práticas. Tudo isso com o objetivo de tornar a aprendizagem significativa e que contribua para a formação e humanização dos sujeitos do campo, estudando e conhecendo o contexto que os alunos do campo vivem, o conhecimento dos alunos e seu contexto, pois o professor não é mais o detentor do conhecimento e há uma interação com os alunos, levando-os a um novo saber sociocultural.

Referências bibliográficas

ARROYO, M.G. **Ofício de Mestre:** Imagens e autoimagens. 12o Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.



BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica-** Lei no 9394 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996. Brasília, 2013. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 15 fev. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referências para uma política nacional de educação do Campo:** Caderno de Subsídios. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica/Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo, 2004. p. 48.

CALDART, R. S. Por Uma Educação do Campo: Traços de uma Identidade em Construção. In: **Seminário Nacional Por Uma Educação do Campo.** Brasília, 2002.

CHARLOT, B. **Pressupostos e exigências para uma prática Pedagógica "Emancipatória" na Contemporaneidade.** Conferência realizada em março de 2012. Departamento de Educação Campus I da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A. P.; PERNAMBUCO, M. M. C. A. **Ensino de Ciências:** Fundamentos e Métodos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade.** São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa.49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.